



Curso de Tecnologia em Agroecologia: a construção do conhecimento nas práticas do NEA – Candombá

MONTEIRO, Raíssa F.¹; SOUZA, Adriana F.²

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFB campus Planaltina – DF, Núcleo de Estudos em Agroecologia – NEA Candombá, raissaeloisa@hotmail.com; ² Universidade de Brasília Programa de Pós – Graduação em Educação (PPGE – FE), linha de pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo, dricadfe2012@gmail.com

Eixo temático: 6

Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo

Este relato visa abordar as experiências de construção do conhecimento, do curso de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Brasília campus Planaltina, as vivências foram realizadas pelo Projeto de Intervenção Pesquisa – Ação (PIPA), denominado por Ambientes de Interação Agroecológica e Inovações no Manejo da Agrobiodiversidade em Assentamentos Rurais de Planaltina-DF, as ações de formação dos tecnólogos junto com os moradores do assentamento da Reforma Agrária Pequeno Willian, situado no mesmo território, ocorreu no período de agosto de 2018 a fevereiro de 2019.

O objetivo geral do projeto- PIPA, desenvolvido pelo grupo do Núcleo de estudos em Agroecologia denominado NEA – Candombá, contribuiu para a formação dos estudantes envolvidos, vivenciando a importância do ensino, pesquisa e extensão, realizando levantamentos de práticas agroecológicas das famílias assentadas, as suas contribuições para a conservação do meio ambiente, produção e manejo de sementes crioulas e organização social e cultural do assentamento, garantindo a manutenção e preservação da Agrobiodiversidade, descrevendo os manejos agroecológicos da produção familiar e a percepção dos agricultores sobre o território, promovendo uma interação dos estudantes com os produtores e professores coordenadores, ampliando as dimensões formativas promovidas pelas práticas agroecológicas, que estão para além da questão ambiental, são totalmente vinculadas à relação política, social e formação humana.

Palavras-chave: Coletividade; Organização social; Soberania; Autonomia; Agroecologia.

Keywords: Collectivity; Social organization; Sovereignty; Autonomy; Agroecology.

Contexto

Diante da atual conjuntura política do país, na qual, enfrentamos no Brasil retrocessos políticos, desencadeando extermínios de políticas públicas principalmente no campo da Educação, em 2019, estamos vivendo um ataque à educação brasileira, às autonomias das instituições federais, universitárias e à pluralidade de ideias, com o bloqueio de recursos da educação realizado pelo



Ministério da Educação – MEC, ou seja, um contingenciamento¹, utilizado dentro dos argumentos para tal, que o corte é especificamente para os gastos não obrigatórios, entre eles está à pesquisa, consideramos um retrocesso de décadas, contradições implícitas nas ações governamentais, pois, a pesquisa de campo é fundamental para os cursos vinculados as questões ambientais.

A Agrobiodiversidade está totalmente comprometida diante das ações do modo de produção agroexportador, que promovem grandes concentrações de terras e dos bens naturais coletivos, ampliando os problemas ambientais ligados a perda da biodiversidade e sendo o principal causador das violências e conflitos sociais contra os povos originários indígenas, quilombolas, agricultores familiares e camponeses.

Essas ações são totalmente devastadoras provocadas pelos grandes plantios das monoculturas que, utilizam o solo de maneira destrutiva da Agrobiodiversidade causando um grande impacto no meio ambiente, que na sua maioria ocorrem em grandes áreas de proteção ambiental, desertificando, esterilizando o solo e por consequência acabam expulsando o povo camponês e os pequenos agricultores, promovendo o êxodo rural, gerando um problema que não é só ambiental, mas, político e social, pois, é imprescindível a interação humana com o meio ambiente, que é a base estruturante, do curso de Tecnologia em Agroecologia.

No Brasil existe uma enorme desigualdade de classes sociais, afetando diretamente camponeses e agricultores familiares, que visam produzir de forma orgânica e agroecológica, no qual o Estado não tem interesse de construir e consolidar políticas públicas que favoreçam esse público, sendo o principal foco os grandes monocultivos para exportação que são os principais causadores dos grandes impactos ambientais, promovendo a devastação das florestas e do Cerrado, um modo de produção que só visa lucro para as grandes empresas nacionais e transnacionais.

Os projetos de pesquisa, ensino e extensão das instituições e universidades federais, no caso especificamente do PIPA realizado pelo NEA – Candombá, são de extrema importância, possibilitam a inserção efetiva dos sujeitos em formação nas demandas concretas das comunidades e territórios, desenvolvendo pesquisas que visam contribuir para o fortalecimento da Agroecologia e a resolução das questões levantadas junto com as pessoas das comunidades inseridas no projeto. Implantando ações concretas ou algum tipo de intervenção que apontem caminhos de solução das demandas para as comunidades, formando tecnólogos em Agroecologia, vinculados à vida e às demandas sociais, econômicas e ambientais. Integrando estudantes junto aos professores envolvidos para atuarem a partir de demandas reais da comunidade, identificadas com os produtores, acompanhamento e organização da produção através de entrevistas semiestruturadas realizadas com as famílias, nos manejos e das práticas agroecológicas e orgânicas, obtendo o reconhecimento e identificação para uso e manejo do solo, respeitando a comunidade de seres vivos, contribuindo para o melhoramento da qualidade de vida,

¹ Contingenciamento é um bloqueio feito pelo governo, impedindo gastos por falta de receita suficiente. Esse bloqueio até pode ser revertido caso aumente a previsão de receitas. No entanto, nos últimos anos, com baixo crescimento (ou crescimento negativo), os recursos não são liberados até o final do ano. Normalmente os cortes atingem despesas que não são obrigatórias. Publicado em 15/05/2019 ver em <https://www.em.com.br/app/noticia/2019/05/15>



conservando a vitalidade e a diversidade do cerrado, minimizando o esgotamento de recursos não renováveis.

Descrição da Experiência

Para o desenvolvimento das ações promovidas pelo PIPA, a metodologia utilizada foi uma construção coletiva das atividades com o grupo do NEA – Candombá, juntamente com as famílias do assentamento da Reforma Agrária Pequeno Willian, iniciado em agosto de 2018, através de um seminário de dois dias com a participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

O projeto foi realizado na própria comunidade com visitas de campo, nas quais foram promovidas caminhadas transversais que é uma ferramenta para mostrar a localização, distribuição de recursos, as características, a paisagem e os principais usos da terra, utilizadas na construção dos mapas das chácaras; rodas de prosas e dinâmicas para promover a troca dos saberes, as experiências das famílias com plantas medicinais e bioconstruções de taipa de mão e hiper – adobe; diversidades nos sistemas agroflorestais (SAFs) com a integração de frutíferas no Cerrado, reflorestamento nas áreas que eram pastos com SAFs consorciando frutíferas, hortaliças e plantas medicinais; a implantação das fossas ecológicas (fossas: séptica, de evapotranspiração e banheiro seco) e círculos de bananeiras para reaproveitamento das águas cinza construídas coletivamente pela comunidade. Visando conhecer as práticas agroecológicas desenvolvidas pelas famílias assentadas foram promovidos vários encontros e seminários na comunidade, buscando a integração do conhecimento local aplicando entrevistas semiestruturadas e avaliações coletivas, unificando o conhecimento popular com o conhecimento científico, como resultado do projeto foi construída uma cartilha das experiências vivenciadas pelos estudantes, sendo distribuída para todos participantes em maio de 2019.



(Fonte: NEA – Candombá, 2019)



O assentamento Pequeno Willian nasceu após uma ocupação realizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra do Distrito Federal, (MST-DF), em Planaltina no ano de 2004, recebeu esse nome em homenagem a uma criança de dois anos e dez meses que veio a óbito por fazer uso da água de uma mina contaminada por agrotóxicos utilizados em uma fazenda na região, após muitos anos de lutas e resistência as famílias foram deslocadas para área que foi destinada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) para ser o assentamento em 2010, localizado ao lado do Instituto Federal de Brasília, consolidado no ano de 2013 com a proposta do modo de produção com bases agroecológicas.

Devido à proximidade do assentamento com o Instituto Federal de Brasília, campus Planaltina, e pelo seu modo de produção escolhido, o curso de Tecnologia em Agroecologia vem desenvolvendo varias vivências e projetos junto com as famílias assentadas.



(Fonte: Monteiro, 2017)



Resultados

Os resultados da intervenção do Projeto de Intervenção Pesquisa – Ação (PIPA), Ambientes de Interação Agroecológica e Inovações no Manejo da Agrobiodiversidade em Assentamentos Rurais de Planaltina-DF, trouxe uma ampla visão da Biodiversidade do Bioma Cerrado, as contribuições das práticas agroecológicas para o meio ambiente, o fortalecimento das relações humanas, políticas e sociais da comunidade, a partir das planilhas da produção, catalogação das práticas agroecológicas utilizadas, relato das histórias de vida das famílias do assentamento Pequeno Willian, trazendo para nós estudantes uma qualificação e aprimoramento das práticas agroecológicas e o reconhecimento da importância dos projetos de ensino, pesquisa e extensão para a formação dos estudantes, a partir das práticas realizadas em área da Reforma Agrária junto com a comunidade local, conhecendo e identificando os processos históricos das famílias, possibilitaram uma melhor percepção das principais mudanças que são geradas pelo modo de produção com práticas agroecológicas, grandes contribuições na revitalização do solo, fortalecimento da integração social promovidas pelas práticas coletivas proporcionadas pela Agroecologia e da relação ecologicamente correta das famílias com o meio ambiente, no campo político, destacando a forma de organização das famílias oriundas de um movimento social camponês, a devolutiva para comunidade da cartilha de todo o processo, houve uma contribuição para a formação tanto dos tecnólogos em Agroecologia como para as famílias, e o fortalecimento do grupo NEA-Candombá.